



Ensinar em Carnegie Mellon

Cinco professores portugueses estão a leccionar e investigar nesta universidade norte-americana.

CARLA CASTRO
carla.castro@economico.pt

Leccionar e investigar na Universidade de Carnegie Mellon. Um sonho para qualquer professor. Jaime Cardoso, Ricardo Morla, Alysso Bessani, João Xavier e Nestor Cataño, todos na casa dos 30 anos, estão a cumprir esse sonho e dividem os seus dias, nos Estados Unidos, entre as aulas e a investigação dos seus projectos, partilhando um campus onde estão empresas como a Google, a Intel ou a Microsoft.

Estes cinco professores conseguiram ver aprovadas as suas candidaturas às bolsas da Fundação para a Ciência e Tecnologia, ao abrigo do programa de intercâmbio de professores 'Faculty Exchange', promovido pelo Programa Carnegie Mellon/Portugal.

No reverso da medalha, as universidades portuguesas recebem, de vez em quando, professores de lá que vêm dar

Para cumprir este sonho, os professores tiveram de se candidatar a uma bolsa do programa de intercâmbio de professores da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

palestras aos alunos portugueses.

A experiência está a ser muito enriquecedora, a acreditar nas palavras dos próprios professores que estão na Pensilvânia: "Na Carnegie Mellon, a "meritocracia" e a valorização da excelência estão por todo lado. As condições de trabalho são excelentes para todos, mas a exigência também é alta", conta Alysso Bessani, do departamento de Informática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

A este programa podem candidatar-se os professores de áreas ligadas às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) das quatro universidades envolvidas na iniciativa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Instituto Superior Técnico e Universidade da Madeira.

"Um dos propósitos desta acção é trazer esta experiência para Portugal, ajudando a implementar e consolidar essas mesmas práticas de ensino e investigação, adaptando-as à realidade portuguesa", diz Jaime Cardoso, do departamento de Engenharia Electrónica da Universidade do Porto.

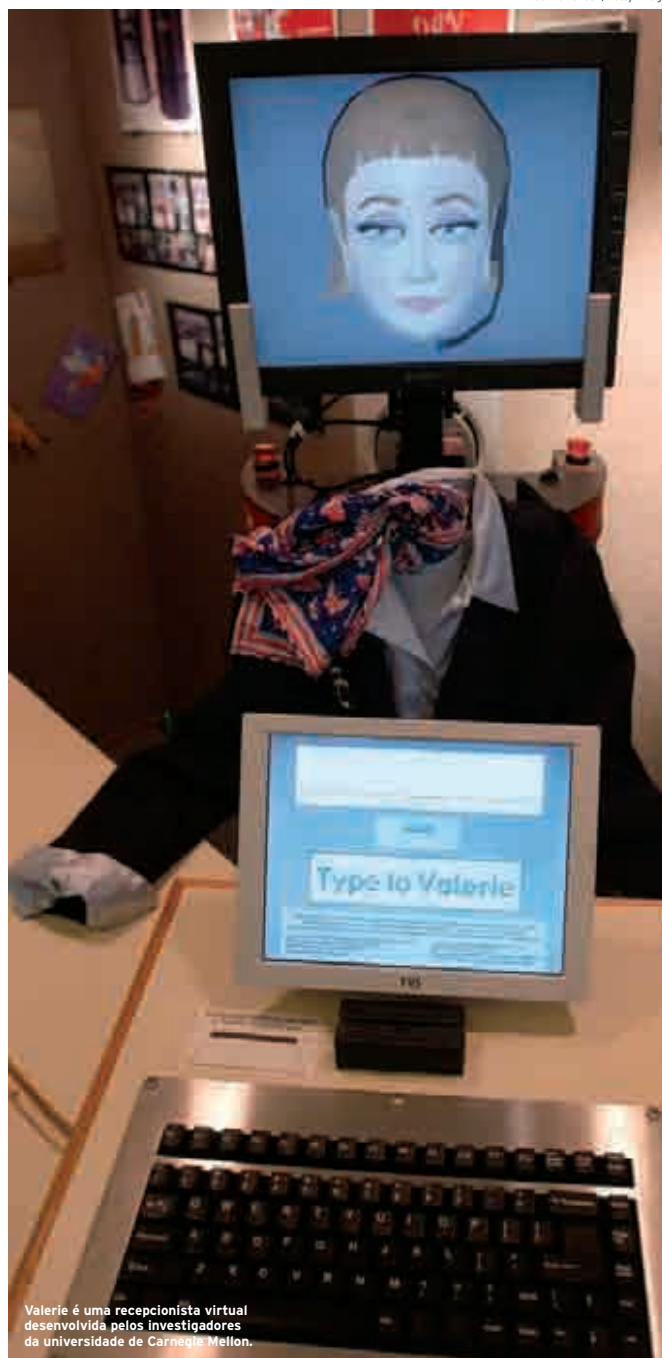
Os projectos de investigação que vão a concurso têm um denominador comum: as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). "Abrangem como temáticas empreendedorismo, estudo das mudanças tecnológicas e políticas públicas, mas têm de estar todos ligados à área das TIC, que é o foco do programa", explica João Barros, o director nacional do Programa Carnegie Mellon/Portugal.

Esta iniciativa da FCT conta ainda com o envolvimento de 39 empresas, que "colaboram com financiamento directo, recursos humanos ou equipamento logístico. Acaba por ser uma parceria público-privada", acrescenta João Barros, frisando que "as empresas aproveitaram para formar quadros em tecnologia de ponta".

Além deste programa de intercâmbio de professores, há também alunos de mestrado e doutoramento que recebem bolsas da FCT para ir para Carnegie Mellon. Dos 168 alunos que já passaram ou que estão ainda em Carnegie Mellon, cerca de 60 são doutoramentos e o restante mestrados profissionais, adianta o mesmo responsável. No final, o grau seja de mestre ou de doutor é obtido nas duas faculdades, a de origem, em Portugal, e Carnegie Mellon.

O financiamento total da FCT para estas parcerias é de 56 milhões de euros, a cinco anos. Do lado das empresas, a maior contribuição vem da PT, com cerca de um milhão de euros, por ano, seguida da Nokia, com 200 mil, e da Nova Base, com 150 mil euros. ■

Jeff Swensen/Getty Images



Valerie é uma rececionista virtual desenvolvida pelos investigadores da universidade de Carnegie Mellon.



Jaime Cardoso, engenheiro electrónico, Univ. Porto

"Os principais desafios desta iniciativa são ajudar a estabelecer e integrar um ambiente internacional de investigação. Assimilar as melhores práticas de trabalho, no ensino e na investigação, na Carnegie Mellon University. Um dos propósitos desta acção é trazer esta experiência para Portugal, ajudando a implementar e consolidar essas mesmas práticas de ensino e investigação, adaptando-as à realidade portuguesa".



Ricardo Morla, engenheiro electrónico, Univ. Porto

"O objectivo é conseguir assimilar o ambiente e processos que se vivem aqui de modo a, quando regressar, poder ter um olhar crítico sobre como se fazem as coisas no meu departamento, faculdade e universidade. Por outro lado, aprofundar o leque de contactos científicos e colaborações com a Carnegie Mellon e outras universidades americanas através de reuniões, publicações conjuntas e co-orientação de alunos de doutoramento".



População (2008) **2.855.390**
Pop. com licenciatura (2000) **16,7%**

A CAMINHO DO ESPAÇO AMERICANO DO ENSINO SUPERIOR

ARKANSAS

O Estado do Arkansas tem um dos índices mais baixos nos Estados Unidos de estudantes com diploma de 2º grau. Cerca de 81% dos estudantes com mais de 25 anos de idade têm este grau de formação. Para atrair e reter os melhores estudantes nacionais e internacionais nas universidades, este Estado disponibiliza várias bolsas para apoiar a nível financeiro os jovens universitários. O mérito e o desempenho académico são alguns dos requisitos que dão acesso a estas bolsas que são atribuídas pela National Collegiate Academic Association.

Graus e diplomas

Todas as instituições de ensino no Arizona seguem as regras e os padrões ditados pelo Departamento de Educação do Arkansas. Cerca de 81% dos habitantes com mais de 25 anos têm um diploma de segundo grau, uma das taxas mais baixas nos EUA. Ao entrar para o 1º ciclo, o estudante começa por obter o grau de 'undergraduate education' para depois poder prosseguir os estudos para o grau de 'bachelor' que tem a duração de quatro anos. Se o diplomado optar por seguir para o 2º ciclo, fica com o grau de 'master' que tem a duração de dois anos.

Alguns 'master' podem conduzir a estudos de doutoramento, os Ph.D., que têm a duração de três anos. Para os estudantes internacionais este período pode estender-se até aos cinco ou seis anos.

Créditos

O sistema de ensino superior dos EUA também adoptou um sistema de créditos. Cada disciplina equivale entre três a cinco créditos e para transitar de ano é necessário que o estudante tenha entre 12 a 15 créditos.

Apoios Sociais

As universidades norte-americanas têm propinas com valores altos, mas as instituições de ensino oferecem bolsas e empréstimos para dar apoio financeiro aos alunos. A fim de atrair e de reter os melhores estudantes internacionais o estado do Arkansas oferece uma variedade de bolsas de estudo que são baseadas no mérito. Neste Estado também existem bolsas de desempenho para alunos que prestem serviço nas universidades. Para aceder às bolsas, o estudante deve apresentar candidatura à 'National Collegiate Academic Association' (NCAA). A.P.



UNIVERSIDADE DO ARKANSAS

Como estudar na terra de Clinton

A Universidade do Arkansas foi a primeira instituição de ensino superior no Estado do Arkansas, fundada em 1909, na cidade de Jonesboro. Começou por ser uma escola de formação agrícola regional, até que em 1930 começou a oferecer cursos de formação de quatro anos e acabou por ser reconhecida como universidade no ano de 1933. Actualmente esta universidade é a maior neste Estado e está integrada no sistema de ensino superior do Arkansas. A instituição conta com sete campus onde funcionam as suas onze faculdades. Esta universidade cresceu durante os últimos 20 anos e hoje oferece mais de 200 cursos de todos os graus, desde 'bachelor' a 'doctoral' que são frequentados pelos mais de 12 mil estudantes. Para um estudante português apresentar a candidatura a esta universidade é necessário que tenha o 12º completo. Para além disso, tem de realizar o 'Test of English as a Foreign Language' (TOEFL), um teste de inglês pedido a quase todos os estudantes internacionais, e o 'Scholastic Assessment Test' (SAT), o exame norte-americano de acesso à universidade. Estes exames podem ser feitos em Portugal e há escolas com cursos de preparação. Para frequentar esta universidade, um estudante internacional deve contar com uma despesa total de cerca de 16.400 euros por ano. Neste valor já estão incluídas as despesa para as propinas de cerca de 9.545 euros, o seguro de saúde de

730 euros, o alojamento nas residências universitárias de cerca de 2.700 euros, os livros de 675 euros o custo de vida de cerca de 6.850 euros e as despesas pessoais que custam cerca de 1.400 euros. Para os estudantes que tenham dificuldades financeiras, a universidade oferece vários tipos de programas de bolsas e de empréstimos para apoio financeiro. O programa de empréstimo de urgência, o empréstimo para estudantes que tenham família ou o programa para trabalhadores estudantes são algumas das soluções oferecidas por esta universidade à sua comunidade de estudantes.

A Universidade do Arkansas foi a primeira instituição de ensino superior no Estado do Arkansas, fundada em 1909, mas só foi reconhecida como universidade em 1933.